

## **KAFKA E AS RELAÇÕES DE PODER: UMA ANÁLISE DE CARTA AO PAI**

## **KAFKA AND THE POWER RELATIONS: AN ANALYSIS OF LETTER TO THE FATHER**

**Aparecida Eliane da Silva** (Mestranda – Universidade Federal do Tocantins - UFT)  
**Dagmar Manieri** (Doutor e Prof. Adj. IV da Universidade Federal do Tocantins – UFT)

### **RESUMO**

O objetivo desse artigo é um estudo de *Carta ao pai* de Franz Kafka na visão teórica das relações de poder. Desde os anos 1960 surgem na França alguns intelectuais que desenvolvem um novo modelo de interpretação do poder. Não mais o poder político como soberania, na tradicional análise da filosofia política. Agora o poder será analisado em sua atuação no mecanismo social, em instituições até então esquecidas pela visão política. É desta forma que *Carta ao pai* transforma-se em uma fonte importante no estudo das novas interpretações das relações de poder na família.

**PALAVRAS-CHAVE:** Kafka, relações de poder, família.

### **ABSTRACT**

The purpose of this article is a study of Franz Kafka's *Letter to the father* in the theoretical view of power relations. Since the 1960s some intellectuals have emerged in France who have developed a new model of interpretation of power. No longer political power as sovereignty, in the traditional analysis of political philosophy. Now the power will be analyzed in its action in the social mechanism, in institutions previously neglected by the political vision. It is in this way that *Letter to the father* becomes an important source in the study of the new interpretations of the relations of power in the family.

**KEYWORD:** Kafka, power relations, family.

## Introdução

Michel Foucault pode ser considerado um pensador que realizou uma virada nos estudos sobre o poder. Ao rejeitar a corrente de pensamento da filosofia política que pensa a questão do poder como soberania, Foucault propõe um estudo sobre o poder onde há uma confluência de sociologia e história. Por isso ao conceber as instituições de forma bem particular, como dispositivos, percebe-se que o pensador francês intenta avançar ante a teoria da reprodução no marxismo. Há em Foucault uma forma de poder de difícil apreensão; após os movimentos de 1968, os micropoderes passaram a ser um conceito amplamente utilizado em pesquisas do gênero. Para além do poder político, os dispositivos são complexos sociais na qual atuam os micropoderes de forma “invisível”.

É justamente esse “poder invisível” que presenciamos em *Carta ao pai*, de Franz Kafka. O que Kafka descobre na complexa relação com seu pai? Nesta relação parental, que função apresenta a família na efetivação das relações de poder? Essas são algumas das questões que este artigo intenta pensar. Com auxílio das teorias de Foucault, Deleuze e Guattari sobre os micropoderes, estudaremos a *Carta ao pai* em busca de um entendimento da forma de poder nesta fonte literária.

Kafka é um escritor com um grande público-leitor em esfera mundial. Sua literatura rompe com o realismo, ingressando no conjunto de escritores modernistas. Metáforas, hipérboles, são alguns dos elementos linguísticos que compõem a literalidade dos textos kafkianos. Mas por incrível que pareça há em Kafka uma forma inédita de realismo na medida em que o próprio Real tornou-se complexo no modelo de interpretação da modernidade. Como bem enfatizou Jacques Rancière, “o realismo não é o partido do real, é o partido do possível” (RANCIÈRE, 1995, p. 237). A literalidade de Kafka pensa esse “possível”, mesmo que vislumbre a monstruosidade de algumas formas de poder moderno.

A arte literária de Kafka pode receber uma apreensão no campo da psicologia. O exemplo de *Carta ao pai* é evidente: uma má educação provoca efeitos deletérios na criança. Mas esse não é nosso objetivo neste artigo, ou seja, a postura de “correção” com uma criativa (e humana) relação parental. Nosso intuito é estudar como os micropoderes se efetuem em uma família específica: a de Kafka. Pai dominador, homem de comércio e com um fundo religioso da tradição judia. Assim, a

arte literária em Kafka tem a consciência que sua literalidade pensa a relação parental dominadora. Há um poder exagerado, mas que também parece “formar” o próprio pai, agente inconsciente do Pai-despótico. Slovoj Zizek ao comentar sobre o *dispositif* em Foucault, realça que tal conceito é a “matriz da governabilidade” (ZIZEK, 2013, p. 619). Está em jogo, aqui, a subjetivação não de um indivíduo livre e autônomo, mas de um “ser de sujeição” que na apreciação de Foucault, terá alguma utilidade (partindo do campo econômico até o simbólico). A normalidade do tipo-burguês (racional) necessitou do louco e do delinquente para se afirmar como “normal” e “superior”.

### **A apresentação de *Carta ao Pai***

Franz Kafka era o primogênito dos seis filhos da família de Hermann Kafka, pequeno negociante judeu e sua companheira Löwy, depois chamada de Julie. Nasceu em Praga, na área do antigo Império austro-húngaro no dia 3 de julho de 1883. Embora pertencente a uma família de classe média, o ambiente de sua adolescência era permeado pela cultura judia, tcheca e alemã. Com apenas quarenta anos falece em um sanatório, por insuficiência cardíaca, na cidade de Klosterneuburg, Áustria, no dia 3 de junho de 1924.

Como escritor tcheco de expressão alemã, várias obras de Kafka foram transformadas em filmes. Entretanto, em suas produções encontram-se essencialmente embates entre os protagonistas e a influência institucional; além disso, revela a incapacidade humana diante de obstáculos incompreendidos. O homem em Kafka surge instável, como um ser angustiado, mergulhado em um universo aterrador, frio e burocrático.

Sua literatura apresenta um estilo sobriamente realista. Em vida não conheceu a fama, nem a riqueza. Contudo, tornou-se um dos mais admirados escritores da modernidade, traduzido para diversos países. Suas obras exercem até hoje grande influência em um público diversificado; tornou-se um grande nome literatura mundial.

Kafka também produziu diversos contos e romances. Já sua *Carta ao pai* - que nos interessa de forma particular - o escritor além de revelar alguns fatos de sua vida familiar, apresenta uma compreensão inédita das relações de poder no espaço familiar. Portanto, a *Carta ao pai* não só pode ser analisada como um documento literário-estético, como um trabalho sobre o campo familiar: a obra expõe de forma

literária uma visão dos micropoderes.

*Carta ao pai* foi escrita por Kafka aos 36 anos entre os dias 10 e 19 de novembro de 1919. O objetivo de tal intento era pensar a forma de relação do escritor (e seus irmãos) em relação ao pai. Alguns críticos consideram que a motivação para o texto (a carta) foi a postura fria de seu pai diante do anúncio de seu noivado com Julie Wohryzek. Porém o fato deste escritor ser considerado pelos críticos como um dos mais influentes do século XX leva-nos a outra hipótese: Kafka apreende no espaço familiar uma forma de poder social.

Kafka faz uma profunda descrição de seu pai na *Carta ao pai*. O escritor relembra momentos marcantes de sua infância, fatos pretéritos que contribuíram na efetivação de sua personalidade. Ele faz queixas, avalia criticamente a si mesmo, a seu pai; no final abre espaço para uma nova avaliação sobre si mesmo. Toda esta complexa construção das relações parentais faz com que esta obra se torne singular e atípica para a época.

Nos seus relatos identificam-se o ser dominante na figura do pai; o filho-Kafka é um ser dominado pela influência do pai-dominador. Kafka tem consciência de que sua obra literária, no fundo, é um pensar da estranha relação com o pai: “Meus escritos tratavam de você, neles eu expunha as queixas que não podia fazer no seu peito” (KAFKA, 2014, p.52). Assim, o universo temático das obras de Kafka está em estreita ligação com o poder dominador do pai.

Para Kafka, os motivos que o fizeram uma pessoa de personalidade tímida, inconstante, incapaz de erigir relacionamentos seguros - como o matrimônio, por exemplo - foi motivado pela influência do pai: “O fato é que as tuas medidas educativas acertaram no alvo; não me esquivei a nenhuma investida sua; assim como sou (naturalmente pondo de lado os fundamentos e a influência da vida), sou o resultado da sua educação e da minha docilmente” (Ibid., p. 22). No entanto, em uma espécie de leitura sincera de si mesmo, Kafka afirma: “É bem possível que, mesmo se tivesse crescido totalmente livre da sua influência, eu não pudesse me tornar um ser humano na medida do seu coração” (Ibid., p. 9).

Percebe-se que o foco pelas conquistas intrínsecas e sociais de Kafka não eram para agradar a si mesmo, mas agradar principalmente a seu pai. O grande tema que Kafka decide para sua vida e obras giram entorno da autoridade paterna, esta que é estranhamente alvo de suas queixas e, ao mesmo tempo, admiração: “Da sua poltrona você regia o mundo” (Ibid., p.15). Na reflexão sobre as influências do pai no

seio da família, Kafka compara seu pai a seus tios:

Talvez você não seja totalmente Kafka na sua visão geral do mundo, até o ponto em que posso compará-lo com o tio Philipp, Ludwig, Heinrich. Isso é curioso, aqui também não vejo muito claro. Todos eles eram sem dúvida mais alegres, mais dispostos, mais desenvoltos, mais despreocupados, menos severos que você (2014, p.10).

Nesta fala, Kafka mostra sua visão peculiar sobre seu pai. Ele o difere de seus tios e aponta sua condição inferior perante o perfil do pai: “Você influiu sobre mim como tinha de influir, só que precisa deixar de considerar como uma maldade especial da minha parte o fato de eu ter sucumbido a essa influência” (2014, p.11).

Em determinado momento da *Carta ao pai*, Kafka comenta: “Seus recursos oratórios extremamente eficazes e que nunca falhavam, pelo menos comigo, eram: insulto, ameaça, ironia, riso malvado e – curiosamente - autoacusação” (Ibid., p.23). Em outra passagem, Kafka nos transmite a enorme presença do pai ante sua intencionalidade:

Quando eu começava a fazer alguma coisa que não lhe agradava e você me ameaçava com o malogro, então o respeito pela sua opinião era tão grande que com ele o fracasso era inevitável, mesmo que só ocorresse em uma época posterior. Perdi a confiança nos meus próprios atos (2014, p.24).

As relações de poder são percebidas por Kafka no instante em que comenta de sua dor. No entanto, o autor não se esgota em uma análise de si mesmo; ao mesmo tempo é sensível na identificação de que todos os seus irmãos sofriam o impacto desta situação dominadora: “A criança se tornava uma criança rabugenta, desatenta, desobediente, sempre pensando em uma fuga, na maior parte das vezes em uma fuga interior. Assim você sofria, assim sofríamos nós” (Ibid., p.26).

Os preceitos culturais de ordem religiosa também foram analisados por Kafka na tentativa de compreender o comportamento de seu pai. Neste questionamento, conclui-se que a fé que presidia a vida de seu pai consistia em crer na correção indiscutível das opiniões de uma determinada casta social (judaica) (Cf. Ibid., p.48). Diante das censuras do pai, o escritor se defende em um tom de lamento: “(...) se o seu judaísmo tivesse sido mais forte, o seu exemplo também teria sido mais convincente; (...)” (Ibid., p.50).

Ou seja, Kafka ao se analisar no ambiente familiar apreende um tipo de poder que circula nas relações parentais: seu pai fez o que deveria ter feito. Nesta passagem da carta, percebe-se que havia uma inquietação em Kafka, fato este que o levou a identificar uma duplicidade ou fraqueza na figura do pai: “ter poder” não é possuir poder. No fundo, o que Kafka percebe é um poder social, algo que não é visivelmente identificável. O poder visível que se expressa na figura do pai é um ponto fraco onde o *socius* se apoia. A lei severa da paternidade (o grande Outro, no modelo Lacan/Zizek) e o homem real (pai) surgem como polos em uma ameaçadora rede de poder. Sobre o grande Outro, Zizek comenta:

Um *dispositif*, portanto, é sempre minimamente sagrado: quando um ser vivente é capturado em um *dispositif*, ele é desapropriado por definição. As práticas por meio das quais ele participa de um *dispositif* e é regulado por este são separadas de seu “uso comum” pelos seres viventes: ao ser capturado em um *dispositif*, o ser vivente serve ao sagrado grande Outro (ZIZEK, 2013, p. 621).

As tentativas de fuga de Kafka da área de influenciado do pai configuraram-se das mais variadas formas, desde a escolha da profissão, amigos, convívio social, até a fracassada tentativa de constituir matrimônio. Ele comenta: “Mas na realidade as tentativas de casamento se tornaram a tentativa de salvação mais grandiosa e mais cheia de esperança, e o fracasso depois foi com certeza de uma grandiosidade correspondente” (Ibid., p.57, 58).

Nas últimas páginas de seu discurso literário, Kafka faz uma autoanálise de seu comportamento ante a personalidade dominadora do pai. Ele projeta um possível diálogo com seu pai; neste “diálogo imaginário” o pai afirma que o filho “rejeita qualquer culpa e responsabilidade da sua parte (...)”. O pai vê um jogo astucioso no filho: “(...) fui eu o agressor, enquanto tudo o que você fez foi apenas autodefesa” (Ibid., p. 72). Esse pai imaginário sabe que Kafka “quer viver inteiramente” à custa dele. O pai prossegue:

Admito que lutamos um com o outro, mas há dois tipos de luta: o combate cavalheiresco, em que se medem as forças de contendores independentes e cada qual responde por si e ganha por si. E a luta do inseto daninho, que não só pica, mas também suga simultaneamente o sangue para conservar a vida. Este é o verdadeiro soldado profissional, e você é isso (Idem).

Portanto, o pai imaginário desse diálogo entende que a falta de adaptação para a vida em Kafka (que em seu entender é um sinal de fraqueza) é endereçada a ele (pai). Kafka está exercendo um parasitismo em relação à figura do pai. Neste momento final, Kafka faz uma autocrítica e acata (em parte) a objeção imaginária do pai; neste intento, ele abre uma nova interpretação da relação parental ao mostrar que o Real (a “vida”) não corresponde inteiramente ao discurso literário da *Carta ao pai*. Como na expressão de Fredric Jameson, “o ato literário ou histórico, portanto, sempre mantém uma relação ativa com o Real; (...)” (JAMESON, 1992, p. 74). O Real não é um texto, mas é só através do texto que ele pode ser pensado. A abertura no final de *Carta ao pai* corresponde ao reconhecimento por parte de Kafka do “subtexto”: A “realidade” não persiste por si mesma, fora do texto; a literalidade de Kafka traz o “Real para sua própria textura, (...)” (Idem).

### **Relações de poder e familiarização**

Desde a década de 1960 presencia-se o início de um modelo de análise do poder que rompe com a tradicional interpretação da soberania na filosofia política. Michel Foucault e Gilles Deleuze podem ser considerados como alguns desses intelectuais. Que forma de poder recebe, agora, uma nova interpretação sobre o social? Tanto Foucault quanto Deleuze sofrem grande influência de Nietzsche. O que neste último se denomina de história genealógica (ou “arqueologia” em Foucault) percebe-se a prioridade no estudo da formação de sentido. Nietzsche concebe a transformação de valor como um grande acontecimento histórico: por exemplo, a virada do mundo aristocrático em direção ao mundo cristão. Assim, nesse modelo interpretativo, procura-se a história em objetos até então desprezados pelos grandes intérpretes.

Foucault dará sequência ao movimento iniciado por Nietzsche. Agora, a própria sociedade burguesa será objeto de estudo: em sua gênese, Foucault vê a eficiência dos micropoderes. O termo utilizado por Foucault é normalização; no início do século XVIII os poderes sociais promovem uma espécie de padronização: “Depois de ter normalizado os canhões, a França normalizou seus professores” (FOUCAULT, 1979, p. 83). Assim, a própria ciência moderna é utilizada como forma de eficiência da dominação social. No exemplo da Alemanha (a Prússia, na época) presencia-se um poder médico (a “Alemanha normalizou seus médicos”, afirma Foucault) na qual a prática médica fica subordinada ao “poder administrativo superior”.

Nesse sentido, o poder em Foucault é este refinamento (racional) do olhar clínico, a utilização de forças do corpo normalizado, sempre de forma astuciosa. Ver, especialmente, a ênfase de Foucault sobre a disciplina: “(...) é uma técnica de exercício de poder que foi, não inteiramente inventada, mas elaborada em seus princípios fundamentais durante o século XVIII” (Ibid., p. 105). Com a efetivação da hegemonia da burguesia, erigiu-se um novo modelo societário. Agora o poder é estudado como uma força (dominação) que não só age de forma repressiva (coação); a nova virada foucaultiana pode ser entendida, dessa forma: “(...) o poder em suas estratégias, ao mesmo tempo gerais e sutis, em seus mecanismos, nunca foi muito estudado. Um assunto que foi ainda menos estudado é a relação entre o poder e o saber, as incidências de um sobre o outro” (Ibid., p. 141).

Nesta nova abordagem, o micropoder passa a ser algo invisível. Não posso mais identificá-lo em uma pessoa ou instituição. Na expressão de Foucault, “ninguém é, propriamente falando, seu titular”, embora o poder seja exercido “em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém, mas se sabe quem não o possui” (Ibid., p. 75). Neste instante, a grande inovação de Foucault foi enfatizar que “o poder, longe de impedir o saber, o produz” (Ibid., p. 148). Por isso o “enraizamento do poder”, os “mecanismos que penetram nos corpos”: como ser social, o homem é um ente formado nessas relações de poder.

Está em causa neste novo padrão de análise a noção de instituição. Na sociologia, a instituição assume um papel social que se traduz na “regulação”, “integração”, “reprodução” e “estruturação” (GIDDENS, 2013, p. 33-40). Em Foucault, as instituições se convertem em “dispositivos disciplinares”. Para ele, tais dispositivos formaram-se nas comunidades religiosas durante a Idade Média: eram “ilhas disciplinares” na sociedade medieval.

Na sociedade moderna esses mecanismos disciplinares se espalharam, como uma espécie de “colonização externa e interna”. No século XVIII há um novo interesse em ampliar esses mecanismos disciplinares:

(...) a aplicação e a exploração das forças do corpo por uma regulamentação dos gestos, das atitudes e da atenção, a constituição de uma vigilância constante e de um poder punitivo imediato, enfim a organização de um poder regulamentar que, em si, em seu funcionamento, é anônimo, não individual, que resulta sempre numa identificação das individualidades sujeitadas (FOUCAULT, 2006, p. 89).

O asilo, a escola e a prisão são alguns desses dispositivos disciplinares; nesses espaços sociais dá-se a “microfísica do poder disciplinar” (Idem). Aqui, o poder se fortalece na medida em que se torna “micro”, anônimo. Foucault enfatiza sobre a “desincorporação do poder, que não tem mais corpo, (...)” (Ibid., p. 95). O poder nesta nova concepção, “não necessita [mais] de toda essa armadura ao mesmo tempo simbólica e real do poder soberano; (...)” (Ibid., p. 96). Esse poder moderno utiliza-se do saber para atingir com maior eficiência “todas as pessoas sobre as quais se exerce”.

Nas aulas no *Collège de France* de 1973 e 1974, Foucault comenta sobre a família. Para ele, esta última “é a instância de coerção que vai fixar permanentemente os indivíduos aos aparelhos disciplinares, (...)” (Ibid., p. 100). Comenta sobre a “soberania da família” que prepara o indivíduo para os aparelhos mais complexos da sociedade. No exemplo do trabalho, a boa fixação do indivíduo no mecanismo disciplinar do trabalho dá-se graças à soberania da família.

Para Foucault, a família tem a função de facilitar a circulação dos indivíduos de um sistema disciplinar a outro. Família é a “célula de soberania”, um espaço social indispensável “ao funcionamento dos sistemas disciplinares” (Ibid., p. 102). Surgem neste instante os termos “familiarização” e “refamiliarização” como conceitos que pensam a preparação dos indivíduos para os aparelhos disciplinares. Mas o que ocorre quando o indivíduo não se “forma” pela familiarização? Foucault enfatiza que neste instante entra em cena a psiquiatria; em um hospital psiquiátrico procurarão “adestrá-lo para a aprendizagem de uma disciplina pura e simples, (...)” (Ibid., p. 106). Portanto, a própria “psiquiatria vai se apresentar como empreitada institucional de disciplina que vai possibilitar a refamiliarização do indivíduo” (Idem).

Foucault, sem dúvida, representa uma nova concepção sobre o poder. Juntamente com Gilles Deleuze e Félix Guattari, entre outros, há nesta geração nietzschiana um novo enfoque sobre as formas de dominação na sociedade capitalista. Em uma entrevista concedida ao *Futur Antérieur* (1990), Deleuze comenta – ao se referir às pesquisas de Foucault – sobre uma “terrível formação permanente, de um controle contínuo se exercendo sobre o operário-aluno ou o executivo-universitário” (DELEUZE, 1992, p. 216). No mundo contemporâneo, mesmo após a fase dos dispositivos disciplinares, no “regime de controle nunca se termina nada” (Idem). O problema é, então, pensar (nos tempos atuais) sobre as novas formas de controle.

### **A escritura de Kafka: sobre a figura do Pai**

Em Kafka a literatura pode ser entendida como uma desesperadora busca de autonomia negada pelo social. Na sociedade mercantilizada, a imaginação é livre porque é improdutiva, mas dessa forma ela pode se desvencilhar dos poderes sociais? É neste momento que a literatura para se afirmar como espaço alternativo do pensar/sentir necessita aparecer como ficção: este é seu disfarce (*métis*). Ela cria formas lúdicas para deleitar as consciências. Sua não seriedade é a senha para apreciação social. Mas a literalidade “interpreta a ruptura das regras que dividem os domínios da realidade e da ficção, (...)” (RANCIÈRE, 1995, p. 99). Observar que Rancières se refere à “interpretação”; na força da ficção encontra-se um segredo que foge aos extremos:

O romance está destinado a ser ou assunto de vitrine, “produto de livre aceitação”; ou poema dissimulado, “secreta busca de música” (“*Etalages*”). Só há dois termos em jogo: ou o desejo, a circulação que troca mas não diz nada, ou o poema que fixa os “puros motivos rítmicos do ser” e fundamenta nessa rítmica primeira um futuro da comunidade (Ibid., p. 43).

Kafka trilha um caminho único, não em direção a uma literatura que corre o risco de ser a “alma burguesa”, na expressão de Jean-Paul Sartre. O radicalismo existencial deste último tem consciência que a cultura mercadológica tende a transformar o escritor em uma figura reconhecida “acima de tudo”; neste reconhecimento, o escritor apresenta “toda a espiritualidade de que necessita para exercer a sua arte com a consciência tranquila; (...)” (SARTRE, 1999, p. 132). Em vida, Kafka não desempenhou este papel ilustrativo; o escritor realizou uma microliteratura; sem mito ou anseio de notoriedade, sua escritura se recusa a desprender-se dos complexos do autor. Kafka é a consciência da autonomia literária, em uma escritura como estranheza e opacidade. Nele o poder é monstruoso, penetrante, formador. Mas que forma de poder? O do Pai-despótico que não é um pai humano.

Observar o incidente descrito pelo escritor no início de *Carta ao pai*. Em uma noite, ainda em idade infantil, ele “choromingava sem parar pedindo água”. No fundo a criança desejava “aborrecer, em parte para [se] distrair”. A reação do pai foi deixar a criança na varanda da casa e fechar a porta. Kafka faz a reflexão sobre este ato do pai:

Não quero dizer que isso não estava certo, talvez então não fosse realmente possível conseguir o sossego noturno de outra maneira; mas quero caracterizar com isso seus recursos educativos e os efeitos que eles tiveram sobre mim. Sem dúvida, a partir daquele momento eu me tornei obediente, mas fiquei internamente lesado (KAFKA, 2014, p. 13).

O pai exerce o poder paternal; tal poder consegue realizar seu objetivo: “eu me tornei obediente”. Mas qual o prejuízo desse disciplinamento? Kafka é preciso em sua autoanálise: o sentimento de nulidade. Algo em seu ser foi roubado, sequestrado pelo disciplinamento. O pai desejava que o filho fosse forte (para a vida), mas não tinha consciência que o poder do Pai-despótico fosse tão negativo para o tipo-Kafka.

Em *O anti-Édipo*, Deleuze e Guattari realizam uma curiosa incursão no ambiente familiar. Obra que expressa bem o radicalismo dos anos 1960 e 1970, o familismo surge como algo que realiza “o jogo do recalçamento originário, das máquinas desejantes e do corpo sem órgãos” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 69). *O anti-Édipo* expressa uma teoria que estuda o familismo no contexto da sociedade capitalista. A psicanálise é a lei que sobrevive do “significante despótico”; não uma instância de “cura” (como saída), mas um reforço ideológico:

O que negamos é que [os objetos edipianos] sejam produções do inconsciente. Mais ainda, a castração e a edipianização engendram uma ilusão fundamental que nos leva a acreditar que a produção desejante real é dependente das mais altas formações que a integram e que a submetem a leis transcendentais, obrigando-a a servir uma produção social e cultural superior: aparece então uma espécie de “deslocamento” do campo social em relação à produção de desejo, em nome do qual as resignações estão antecipadamente justificadas (Ibid., p. 103).

A reversão que pretendem Deleuze e Guattari implica em rejeitar o jogo lógico da psicanálise, ou seja, na verdade de que “as figuras parentais são indutores quaisquer e que o verdadeiro organizador está alhures, do lado do induzido e não do indutor” (Ibid., p. 127). Procura-se quebrar “o incurável familismo da psicanálise”; a família não pode ser tratada como “um microcosmo, como um meio expressivo que vale por si mesmo, (...)” (Ibid., p. 131). Deleuze e Guattari recorrem ao social para analisar o que ocorre no ambiente familiar:

De fato, Édipo é sempre e apenas um conjunto de chegada para um conjunto de partida constituído por uma formação social. Tudo aí se aplica, dado que os agentes e relações da produção social, e os investimentos libidinais que lhes correspondem, são assentados sobre

as figuras da reprodução familiar (Ibid., p. 139).

A crítica à psicanálise conduziu os autores a uma interpretação sobre a produção social no ambiente familiar. Édipo é um “meio de integração ao grupo”; além do mais, “Édipo floresce nos grupos sujeitados, onde a ordem estabelecida é investida nas suas próprias formas repressivas” (Ibid., p. 142).

Essas reflexões de Deleuze e Guattari são importantes para efeito de nossa análise de *Carta ao pai*. Nesse conjunto de objetos onde há “desejos”, “figuras parentais”, “família”, há o primado do campo social. Kafka tinha consciência que sua vida social, sua literatura, girava em torno do complexo-família. O quadro se compunha dessa forma: com um pai dominador de um lado e, de outro, um ser dócil. Neste instante, Kafka confidencia: “(...) você era meu verdadeiro educador, (...)” (KAFKA, 2014, p. 22). Mas como explicar tal afirmação? Houve uma educação de verdade? Na *Carta ao pai* há essa ênfase: “(...) suas medidas educativas certaram no alvo” (Idem). Por isso essa consciência em Kafka: “(...) sou o resultado de sua educação e minha docilidade” (Idem). Houve, então, uma determinada formação do ser-Kafka que representa uma visão de mundo: aqui, a saída de um possível psicologização de *Carta ao pai*. O Pai era o soberano despótico que “da sua poltrona (...) regia o mundo” (Ibid., p. 15). Nesta relação de poder havia um escravo que “vivia sob leis que tinham sido inventadas só para mim e às quais, além disso, não sabia por que, nunca corresponder plenamente; (...)” (Ibid., p. 19). O terceiro mundo correspondia ao espaço onde “as pessoas viviam felizes e livres de ordens e de obediência” (Idem).

Foi o poder desmedido do pai-despótico que produziu o efeito negativo no filho-Kafka. A incisiva “consciência de culpa” que aparece na *Carta ao pai* é a consequência do poder soberano do Pai-despótico; nunca havia encorajamento, mas sempre uma denúncia. Kafka afirma que tudo isto “transformou-se na minha cabeça em desconfiança de mim mesmo e em medo permanente dos outros” (Ibid., p. 45). O que Kafka percebe é o embate de forças; essa visão agonística explica a passagem mais importante (no contexto deste artigo) de *Carta ao pai*. Em determinado momento, o escritor confidencia que os irmãos comentavam (ele escreve “analisar juntos”) a relação com o pai:

(...) esse processo terrível que paira entre nós e você, em todos os pormenores, por todos os lados, sob todos os pretextos – processo em que você afirma constantemente ser juiz, embora seja, ao menos no principal (aqui deixo aberta a porta para todos os equívocos, que

naturalmente podem me suceder), uma parte tão fraca e ofuscada como nós (Ibid., p. 41, 42).

Esse “processo” que surge na relação parental dos Kafka é uma forma de poder. Na interpretação de Deleuze e Guattari, esse poder promove a desterritorialização e se encontra em complexos como a prisão, a burocracia e mesmo na família-tirânica de Kafka. Em *Kafka*, Deleuze e Guattari enfatizam essa percepção do escritor ante o “processo” (os autores se referem à burocracia):

A burocracia como desejo corresponde a um funcionamento de certo número de engrenagens, o exercício de certo número de poderes que determinam, em função da composição do campo social na qual está incorporada, sua mecanização tanto quanto suas mecanicidades (DELEUZE; GUATTARI, 1975, p. 104).<sup>1</sup>

Deleuze e Guattari enfatizam que Kafka realiza uma *littérature mineure*. Ela se diz “*mineur*” não em sua especificidade literária, mas segundo “as condições revolucionárias de toda literatura (...)” (Ibid., p. 33). De forma inédita, a literatura de Kafka antevê os complexos de poder que produzem a subjetivação. No caso específico de *Carta ao pai*, Édipo é o pai-despótico que nos coloniza, pois sua posição é privilegiada. Por estranho que pareça, *Carta ao pai* Kafka relembra os momentos de afeição do escritor em relação ao pai: “Naqueles momentos eu me estendia no leito e chorava de felicidade, e choro ainda agora enquanto escrevo” (KAFKA, 2014, p. 27). Humanidade do escritor, sem deixar de ser penetrante ante os perigosos poderes formativos.

## Considerações finais

No marxismo de Georg Lukács há uma interessante interpretação de Franz Kafka. Visão literária ortodoxa, Lukács acentua em *Realismo crítico hoje* a impressionante sensibilidade do escritor tcheco. Lukács comenta que em Kafka o ser humano é uma mosca presa em uma armadilha, debatendo-se em vão. A crítica de Lukács à literatura de Kafka mostra que o escritor nos apresenta uma realidade

---

<sup>1</sup> A Tradução é de Dagmar Manieri.

enigmática; a categoria da particularidade não emerge, desaparecendo a realidade rica e significativa.

Mas Kafka pode receber outra leitura, isto se adotarmos as novas pesquisas sobre as relações de poder. Tais relações não só reprimem, mas produzem algo. Em *A colônia penal*, o soldado responsável pela terrível máquina-assassina sente um prazer estético pela “tecnologia da morte”. Em *O castelo* e *O processo*, o poder não é algo visível, por isso converte-se em algo tão enigmático e eficiente. Há um mundo de pressentimentos que denunciam esses micropoderes. Os personagens atingidos por esses últimos transformam-se em seres anormais.

Kafka, então, exagera em sua literalidade para realçar os micropoderes. Nos termos de Pierre Bourdieu, o capital simbólico em Kafka é denunciado como algo monstruoso. Bourdieu afirma que a força do poder simbólico é gerar a crença em seu objeto (sujeito): “É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe” (BOURDIEU, 1989, p. 188). Mas podemos levar esta definição a um extremo, neste questionamento: o que ocorre quando o poder não é simbólico, quando se mostra em sua monstruosidade? Em *Carta ao pai* o poder paterno é assemelhado à tirania: “Você assumia para mim o que há de enigmático em todos os tiranos, cujo direito está fundado, não no pensamento, mas na própria pessoa” (KAFKA, 2014, p. 15, 16). Para além da legitimação, a tirania é enigmática porque atinge os corpos. A metáfora da máquina talvez seja a expressão ideal para pensar a forma de poder que tritura/transforma uma humanidade/semente no ser humano. A tirania é enigmática porque é poder-violência de forma bruta, convertendo a política ao reino da animalidade. Kafka é o escritor das relações de poder, desde os extremos da tirania até à alta eficiência da máquina-assassina (que faz “justiça”). Nesta última, o maquinismo que dilacera os corpos transforma-se em belo objeto na visão do soldado (em *A colônia penal*). Aqui, o poder tornou-se agradável a ponto do soldado desejar experimentar tamanha atrocidade.

## Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2ª Ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

BRADBURY, Malcolm. *O mundo moderno: dez grandes escritores*. Tradução de Paulo

- H. Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações – 1972-1990*. Tradução de Peter P. Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: pour une littérature mineure*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1975.
- \_\_\_\_\_. *O anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia I*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 6ª Ed. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel (Org.). *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*. 6ª Ed. Tradução de Denize L. de Almeida. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.
- \_\_\_\_\_. *A coragem da verdade: curso no Collège de France 1983-1984*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: wmf Martins Fontes, 2014.
- \_\_\_\_\_. *A hermenêutica do sujeito: curso no Collège de France 1981-1982*. Tradução de Márcio A. da Fonseca e Salma t. Muchail. São Paulo: wmf Martins Fontes, 2010a.
- \_\_\_\_\_. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France 1975-1976*. Traduzido por Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France 1982-1983*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: wmf Martins Fontes, 2010b.
- \_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. 3ª Ed. Tradução de Luiz F. B. Neves. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- \_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *História da loucura na Idade Clássica*. Tradução de José T. C. Netto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Organizado e traduzido por Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. *O poder psiquiátrico: curso no Collège de France 1973-1974*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 4ª Ed. Tradução de Ligia M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.
- GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: wmf Martins Fontes, 2013.
- JAMESON, Fredric. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. Tradução de Valter L. Siqueira. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- KADOTA, Neiva P. *A escritura inquieta: linguagem, criação, intertextualidade*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.
- KAFKA, Franz. *A colônia penal*. Tradução de Syomara Cajado. São Paulo: Nova Época Editorial, 1989.

- \_\_\_\_\_. *A metamorfose*. Tradução de J. A. Teixeira Aguiar. Santiago: Editora América do Sul, 1988.
- \_\_\_\_\_. *A muralha da China*. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1980.
- \_\_\_\_\_. *América*. Tradução de Jorge Rosa. Lisboa: Livros do Brasil, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Carta ao pai*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- KOKIS, Sérgio. *Franz Kafka e a expressão da realidade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Tradução de Raquel Ramalhete, Laís E. Vilanova, Lígia Vassalo e Eloísa de A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* 3ª Ed. Tradução de Carlos F. Moisés. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- SENELLART, Michel. *As artes de governar: do regimen medieval ao conceito de governo*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2006.
- ZIZEK, Slavoj. *Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético*. Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.